

O CAPIBARIBE, O CÃO E A CIDADE

imagens da poesia no Brasil

Um cão sem plumas
é quando uma árvore sem voz.

É quando de um pássaro
suas raízes no ar.

É quando a alguma coisa
roem tão fundo
até o que não tem.

(O cão sem plumas, 1950)

O CAPIBARIBE, O CÃO E A CIDADE
imagens da poesia no Brasil

Eliza Portas Ribeiro
2023

Trabalho Final De Graduação

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Luis Antonio Jorge

APRESENTAÇÃO 5

VIAGEM AO CAPIBARIBE 8

IMAGENS DO CAPIBARIBE 16

O CÃO SEM PLUMAS 60

O PROCESSO 70

AGRADECIMENTOS 80

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 81

APRESENTAÇÃO

Aqui derramo toda a lama que me invadiu por 1 ano, esta foi ainda mais fermentada em minha viagem para Recife.

Em *Viagem ao Capibaribe*, rumino sobre meu processo e tudo o que vi e senti em Recife, sobre até aquilo que não há. Acompanho o traçado gráfico do rio Capibaribe da nascente até a foz.

Em *Imagens do Capibaribe*, uso a tradução intersemiótica como ferramenta para lançar uma nova interpretação do poema *O Cão Sem Plumas* (1950), do poeta João Cabral de Melo Neto.

A miséria é o tema do poema. Fala de maneira poética e dura sobre as condições de vida dessas pessoas cortadas pelo rio Capibaribe - a pobreza, a fome, a resignação, sem ter nem aquilo que já não tem (plumas). O percurso pelo Capibaribe traz Recife, o mar, a lama, os homens, os bichos.

As imagens foram feitas a partir de minhas fotografias em Recife e, posteriormente, impressas pela técnica da cianotipia, um processo de impressão fotográfica em tons de azul. O resultado artesanal e sua visualidade etérea transmitem sensações e valorizam o poema.

Em *O Cão Sem Plumas*, tem-se o poema na íntegra.

O Processo traz o caminho da pesquisa e seus desdobramentos, além de imagens da realização da impressão com cianotipia.



VIAGEM
AO CAPIBARIBE

A + B

rio + mar

citrato férlico amoniacial + ferricianeto de potássio

sol + água

cianotipia + cianutopia.

Cianotipia,

ciano que pinta os olhos de um cão,

ciano que pinta o mar.

Cianutopia que é engolida pela lama desse poema.

A viagem traz suas marcas no papel.

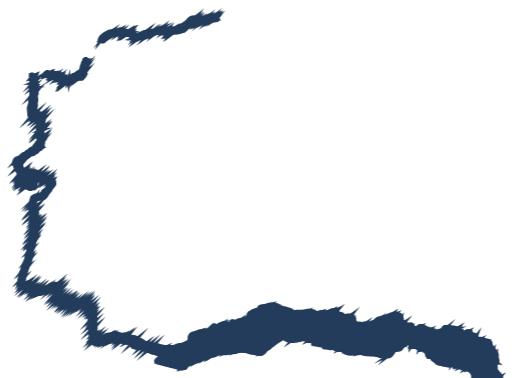
Papel sensível à luz.

Luz que deveria ter sido a de Recife

pois,

recife tem 1 sol para Recifenses,

mas 1 e meio para Paulistas.



Canoa navegante,

a água que a invadiu traz o reflexo do exterior

e, só assim, vejo o redor.

Restrinjo-me a recortes do que vejo.

Medo.

Pouco a pouco faço os meus próprios

e entendo, por mim mesma, aquela cidade

e sinto, enfim, aquele rio.

Pairando pela Rua Aurora,

no décimo sexto andar,

descubro minha pequenez de cão.

O rio engole a cidade, a cidade engole o rio.

A ponte ordena o incontrolável,

o barco corta o rio.

O Capibaribe se apresenta para mim,

pela primeira vez.

Vi plumas onde não tem.

Aqui, enche meu corpo e meus olhos.

De fato, a cidade é passada pelo rio.

De fato, há algo ali de cão sem plumas.

Por esta parte,

é largo, manso e resignado.

Sabe que logo enfrentará o mar.



As ondas do mar devolvem o rio
com tal força que navego contrafluxo.
A paisagem se transforma,
de hora em hora.

Ora praia, ora prédio
ora asfalto, ora fazenda,
isolamento.

Ora palmeira, ora mata
Ora descampado, ora cacto.
Cacto espesso.
Cacto atravessado na paisagem.

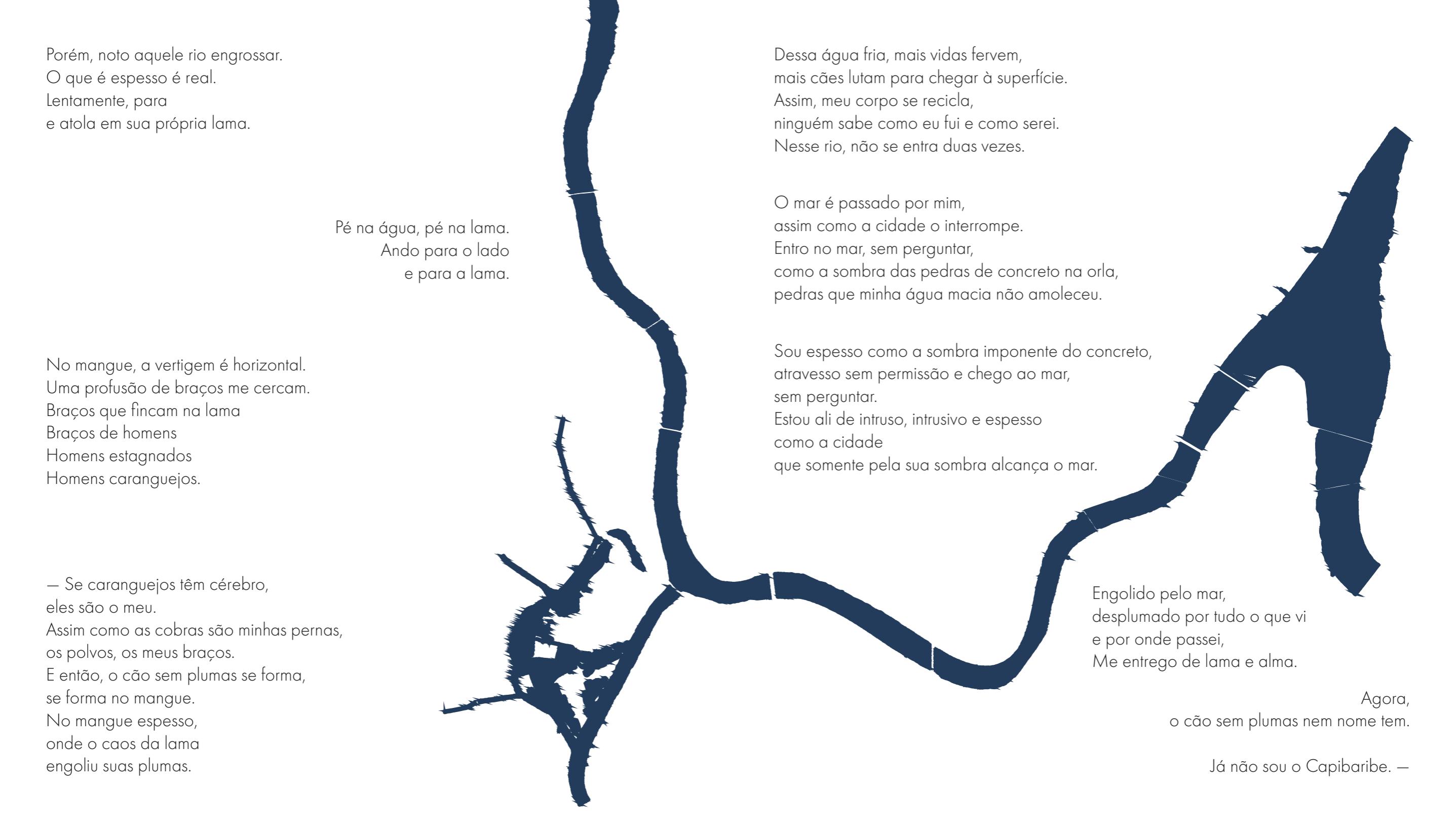
A porteira se abre com leveza,
como o vento conduz o capim.
A nascente esconde e protege
aquilo que, gota a gota, gerou.

— Do Jacarará vim, manso como a língua de um cão.
De Poção em poção me desenvolvo como um cão.
Atravesso o agreste firme
como a espada que corta a fruta suculenta.

Só me olham,
não me alcançam.
Só me olham e
não me alcançam.
Até se molham
e não conseguem me alcançar.

Sem me ver, sem encostar em mim,
transpõem-me.
Passo a cidade como passam sobre mim.

Nem esperam meu parto invertebrado cessar
para duas pequenas e humildes tábuas me cortarem.
A primeira ponte do Capibaribe se instala.
Nasço fadado ao descaso. —



Porém, noto aquele rio engrossar.
O que é espesso é real.
Lentamente, para
e atola em sua própria lama.

Pé na água, pé na lama.
Ando para o lado
e para a lama.

No mangue, a vertigem é horizontal.
Uma profusão de braços me cercam.
Braços que fincam na lama
Braços de homens
Homens estagnados
Homens caranguejos.

— Se caranguejos têm cérebro,
eles são o meu.
Assim como as cobras são minhas pernas,
os polvos, os meus braços.
E então, o cão sem plumas se forma,
se forma no mangue.
No mangue espesso,
onde o caos da lama
engoliu suas plumas.

Dessa água fria, mais vidas fervem,
mais cães lutam para chegar à superfície.
Assim, meu corpo se recicla,
ninguém sabe como eu fui e como serei.
Nesse rio, não se entra duas vezes.

O mar é passado por mim,
assim como a cidade o interrompe.
Entro no mar, sem perguntar,
como a sombra das pedras de concreto na orla,
pedras que minha água macia não amoleceu.

Sou espesso como a sombra imponente do concreto,
atravesso sem permissão e chego ao mar,
sem perguntar.
Estou ali de intruso, intrusivo e espesso
como a cidade
que somente pela sua sombra alcança o mar.

Engolido pelo mar,
desplumado por tudo o que vi
e por onde passei,
Me entrego de lama e alma.

Agora,
o cão sem plumas nem nome tem.

Já não sou o Capibaribe. —

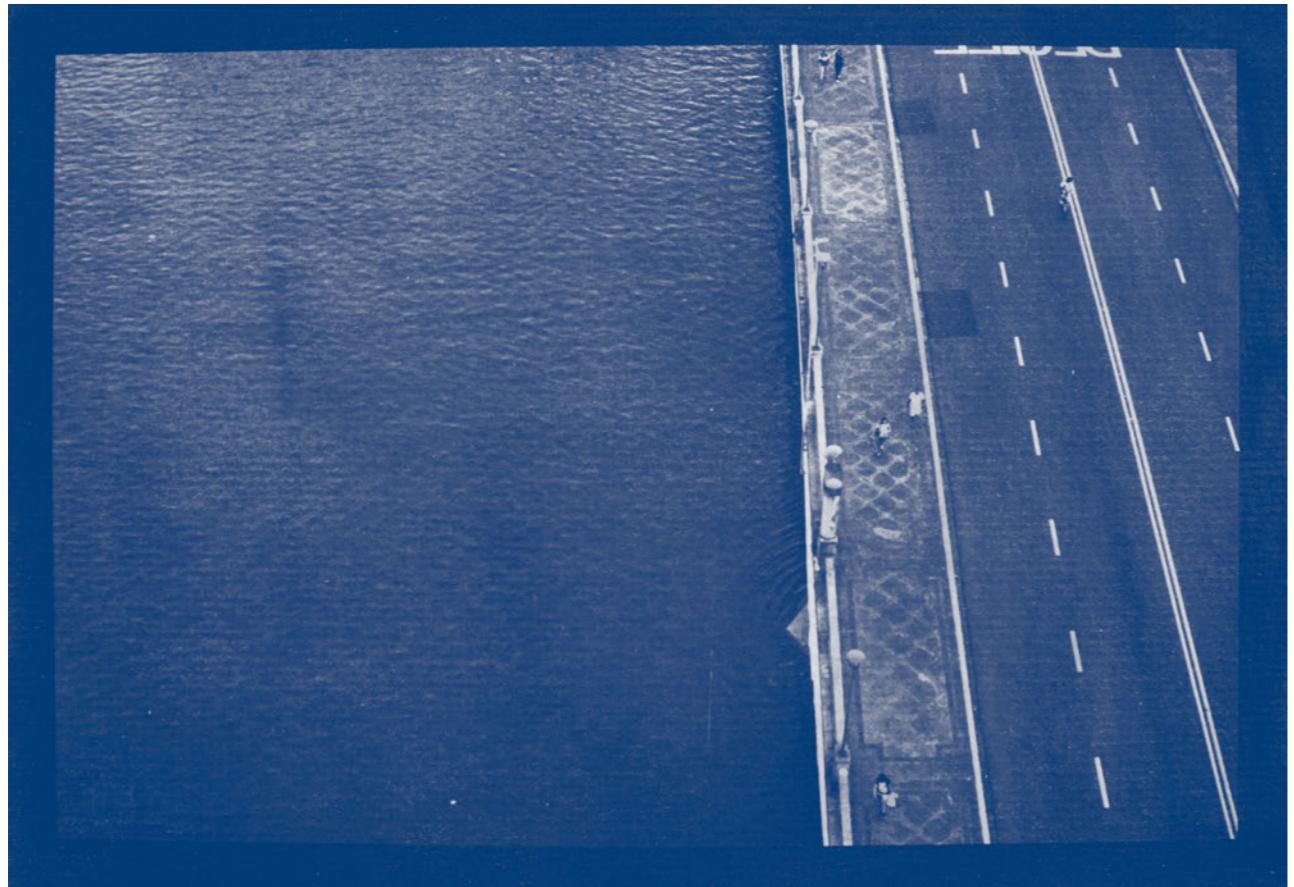


IMAGENS
DO CAPIBARIBE



A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada.

[...] Liso como o ventre
de uma cadela fecunda,
o rio cresce
sem nunca explodir.
Tem, o rio,
um parto fluente e invertebrado
como o de uma cadela.

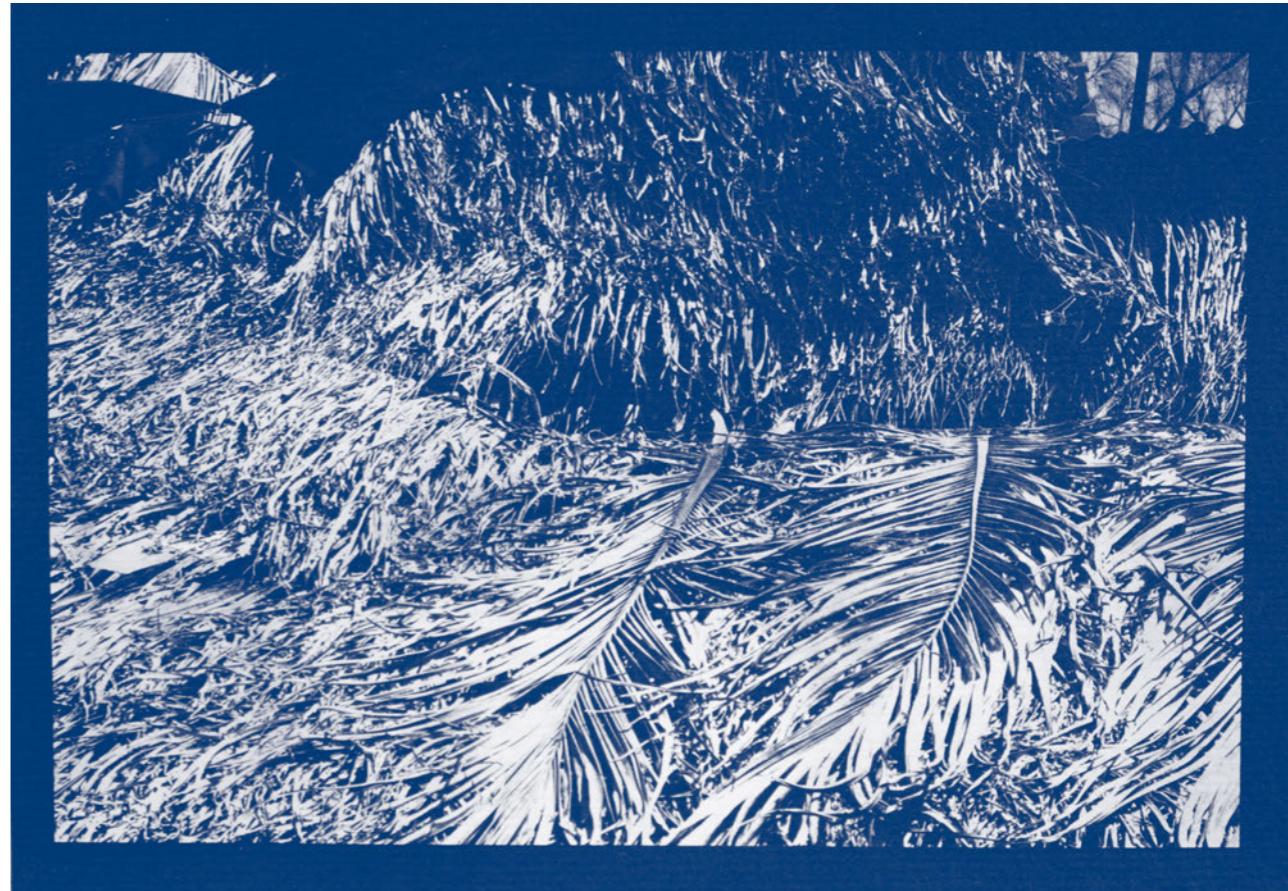


O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,

ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

Como o rio
aqueles homens
são como cães sem plumas

(um cão sem plumas
é mais
que um cão saqueado;



é mais
que um cão assassinado.)





E sabia
da magra cidade de rolha,

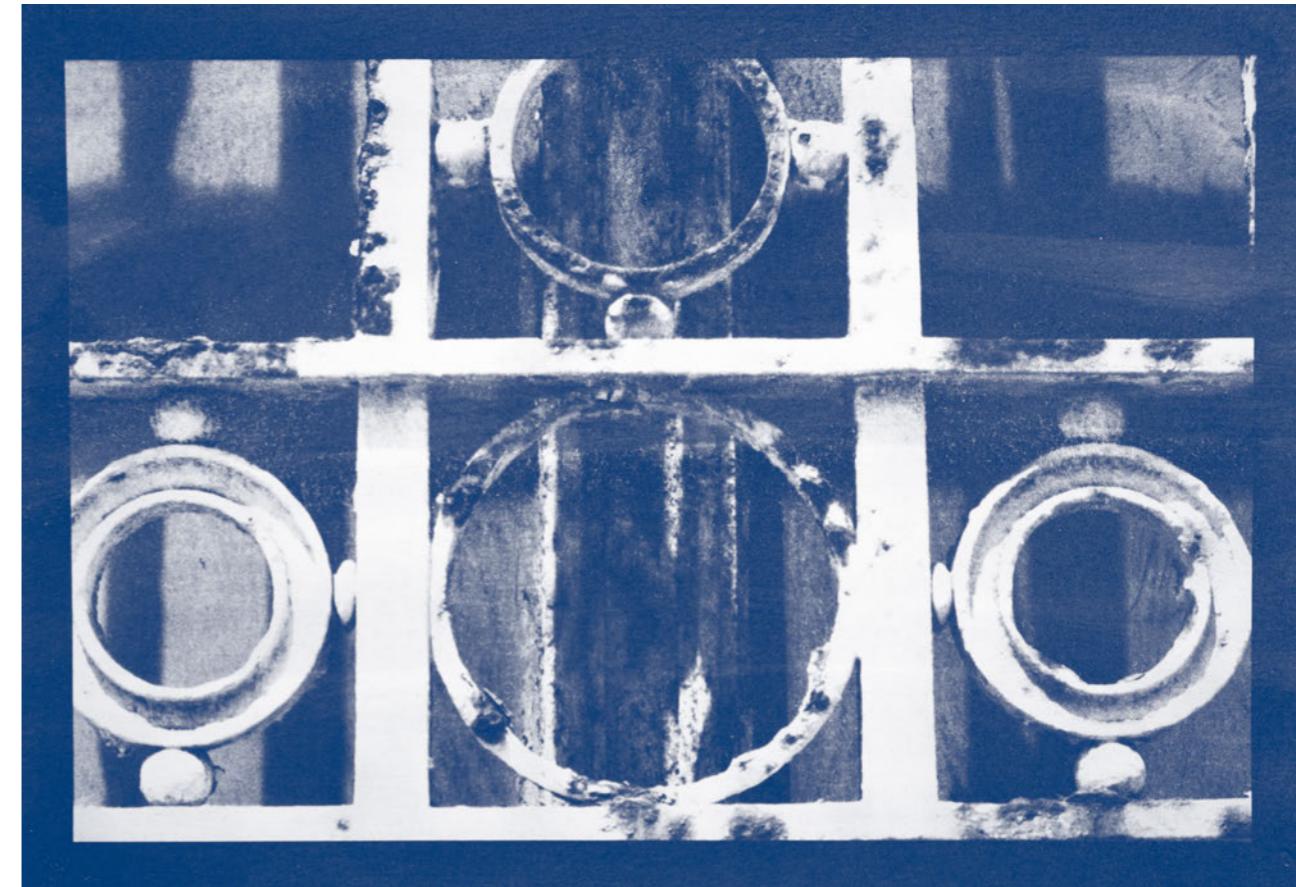


onde homens ossudos,
onde pontes, sobrados ossudos





(vão todos
vestidos de brim)
secam

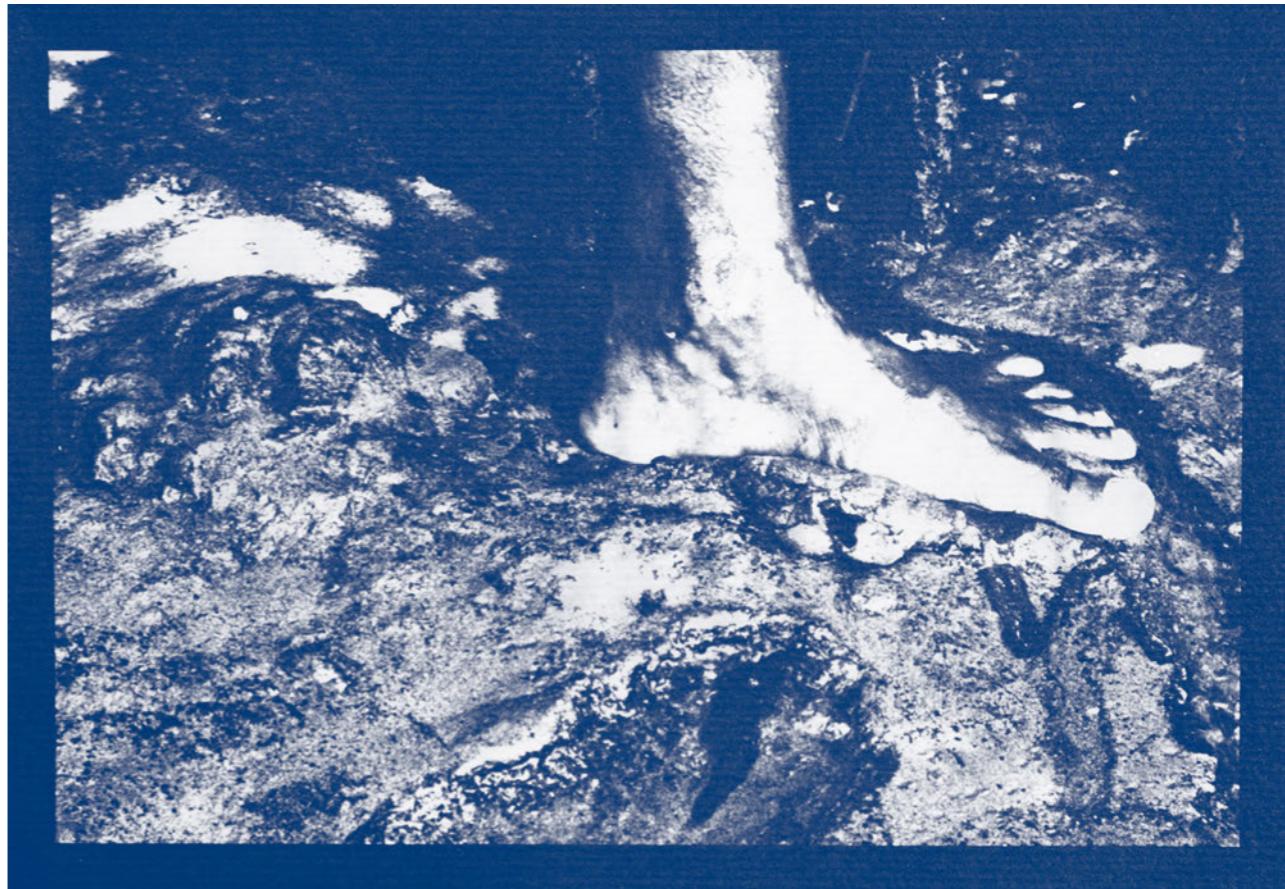


até sua mais funda caliça.



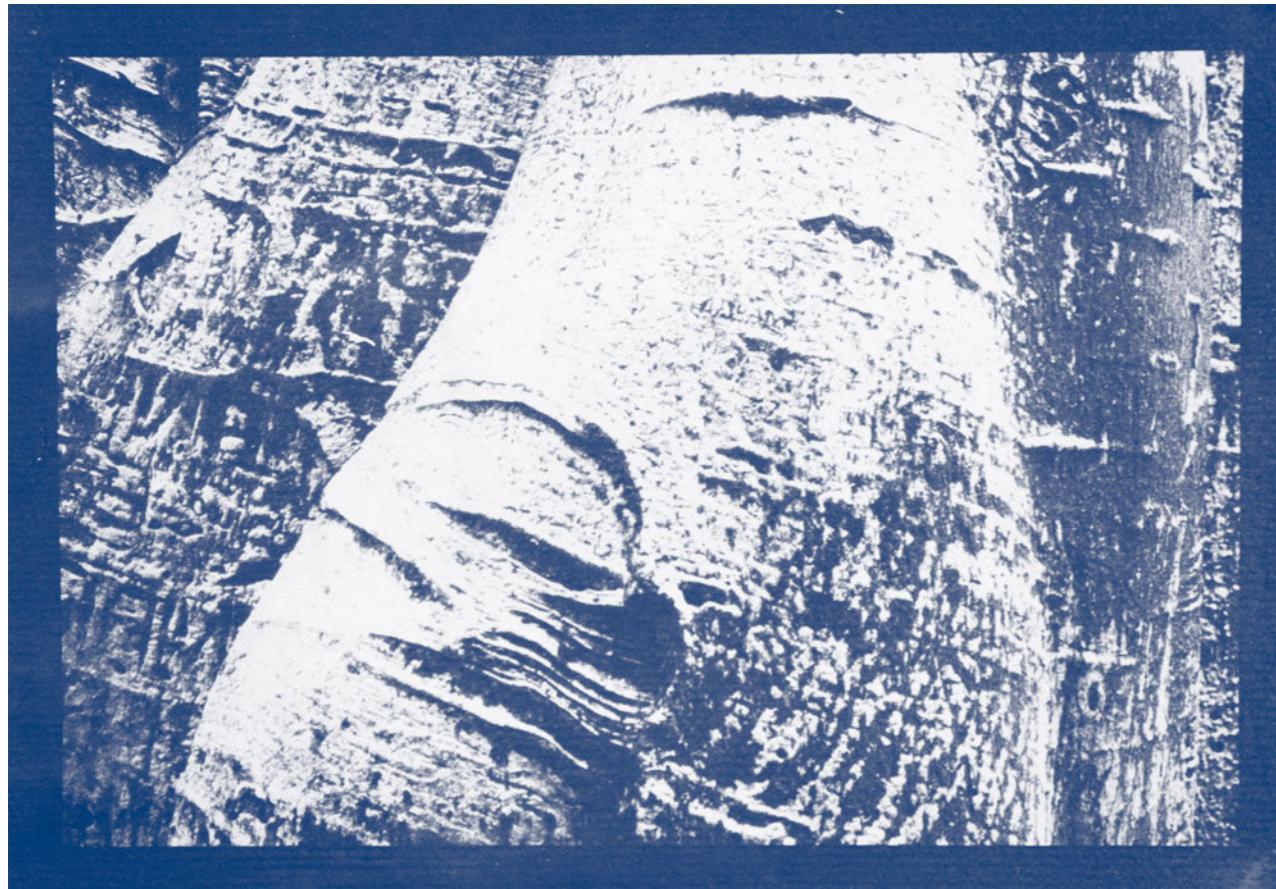
Na água do rio,
lentamente,
se vão perdendo

em lama; numa lama
que pouco a pouco
também não pode falar.



Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;

onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem.

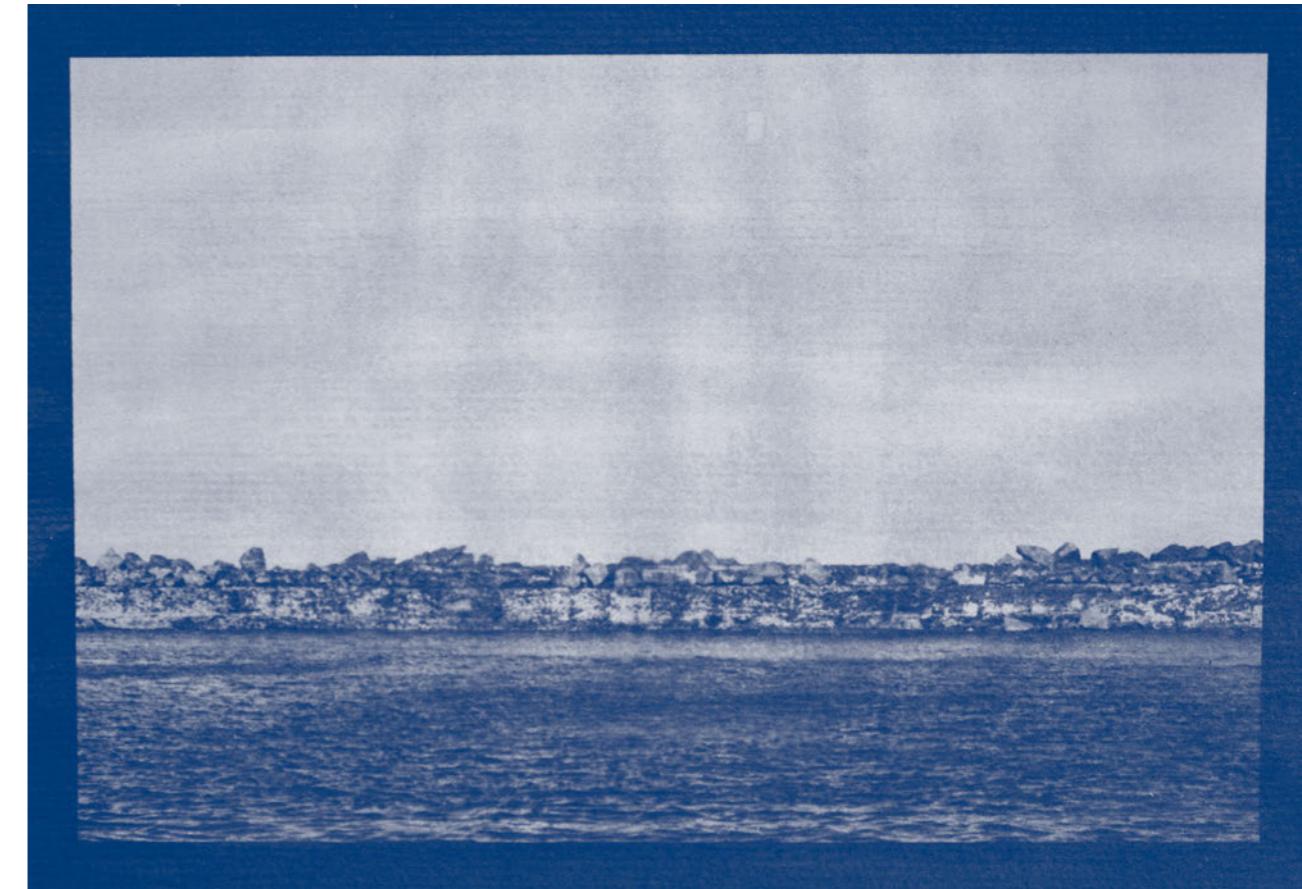


Difícil é saber
se aquele homem
já não está
mais aquém do homem;
mais aquém do homem
ao menos capaz de roer
os ossos do ofício;
capaz de sangrar
na praça;

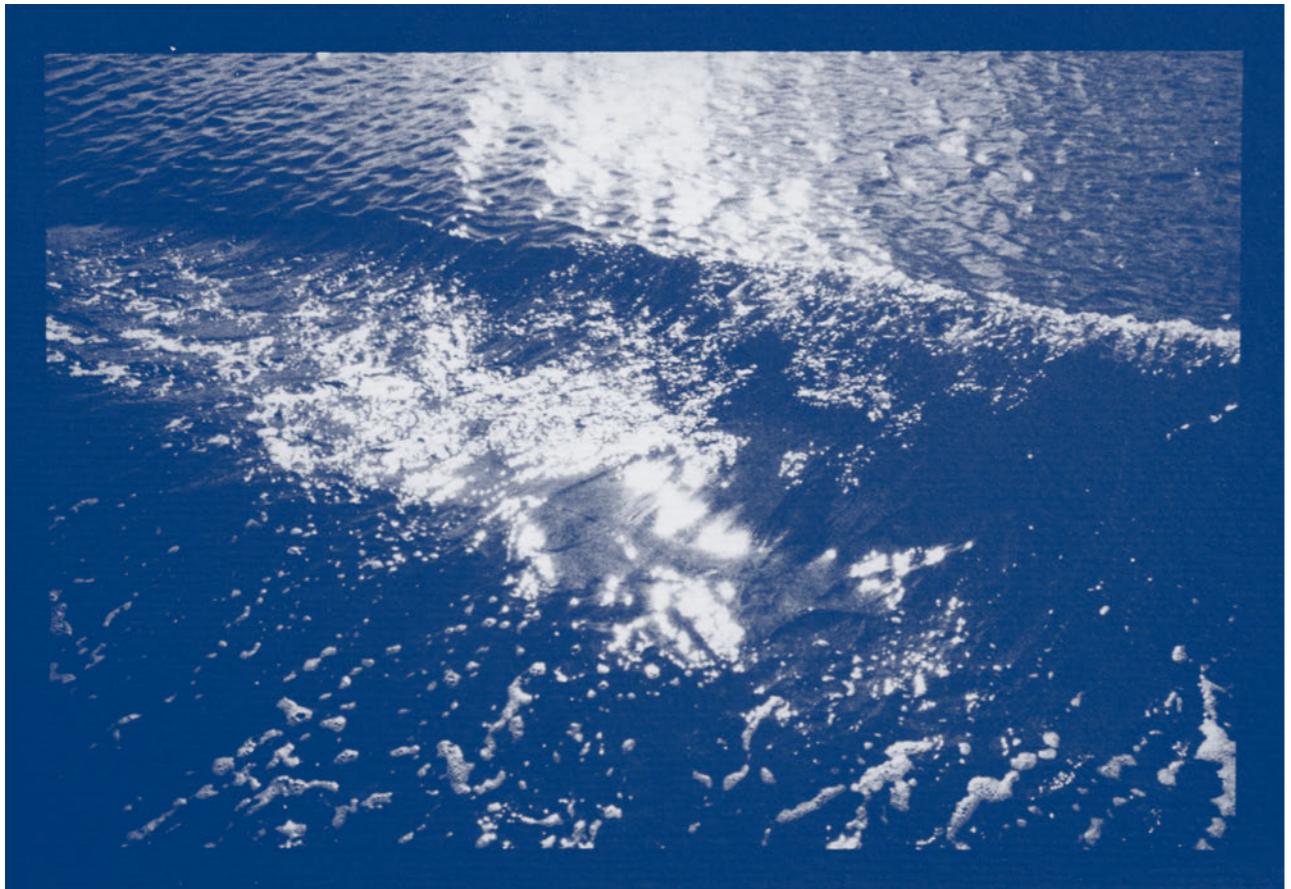
capaz de gritar
se a moenda lhe mastiga o braço;
capaz
de ter a vida mastigada
e não apenas
dissolvida
(naquela água macia
que amolece seus ossos
como amoleceu as pedras).



Primeiro,
o mar devolve o rio.



Fecha o mar ao rio
seus brancos lençóis.



Depois,
o mar invade o rio.
Quer
o mar
destruir no rio
suas flores de terra inchada,

tudo o que nessa terra
pode crescer e explodir,
como uma ilha,
uma fruta.



Mas antes de ir ao mar
o rio se detém
em mangues de água parada.



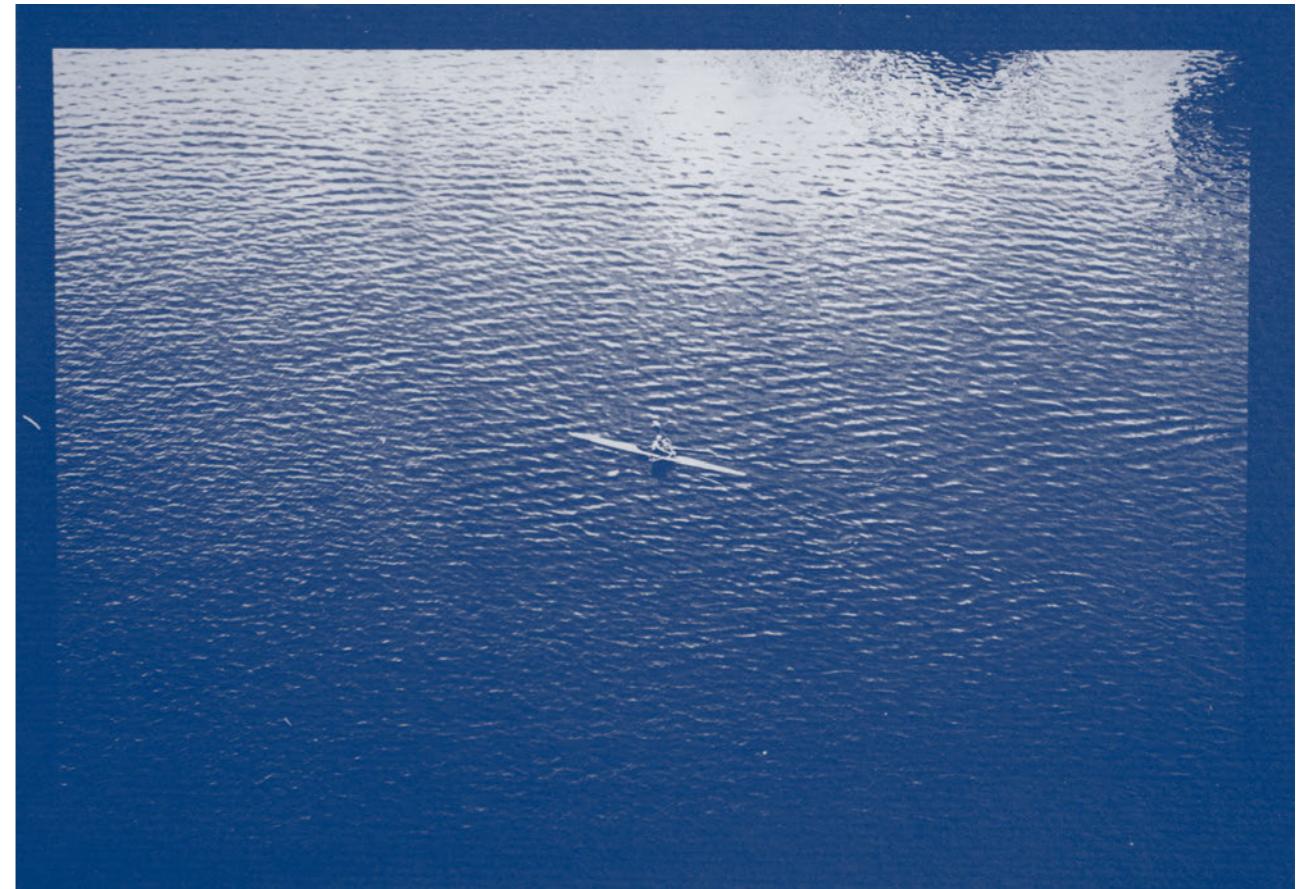
Junta-se o rio
a outros rios
numa laguna, em pântanos
onde, fria, a vida ferve.



Em silêncio,

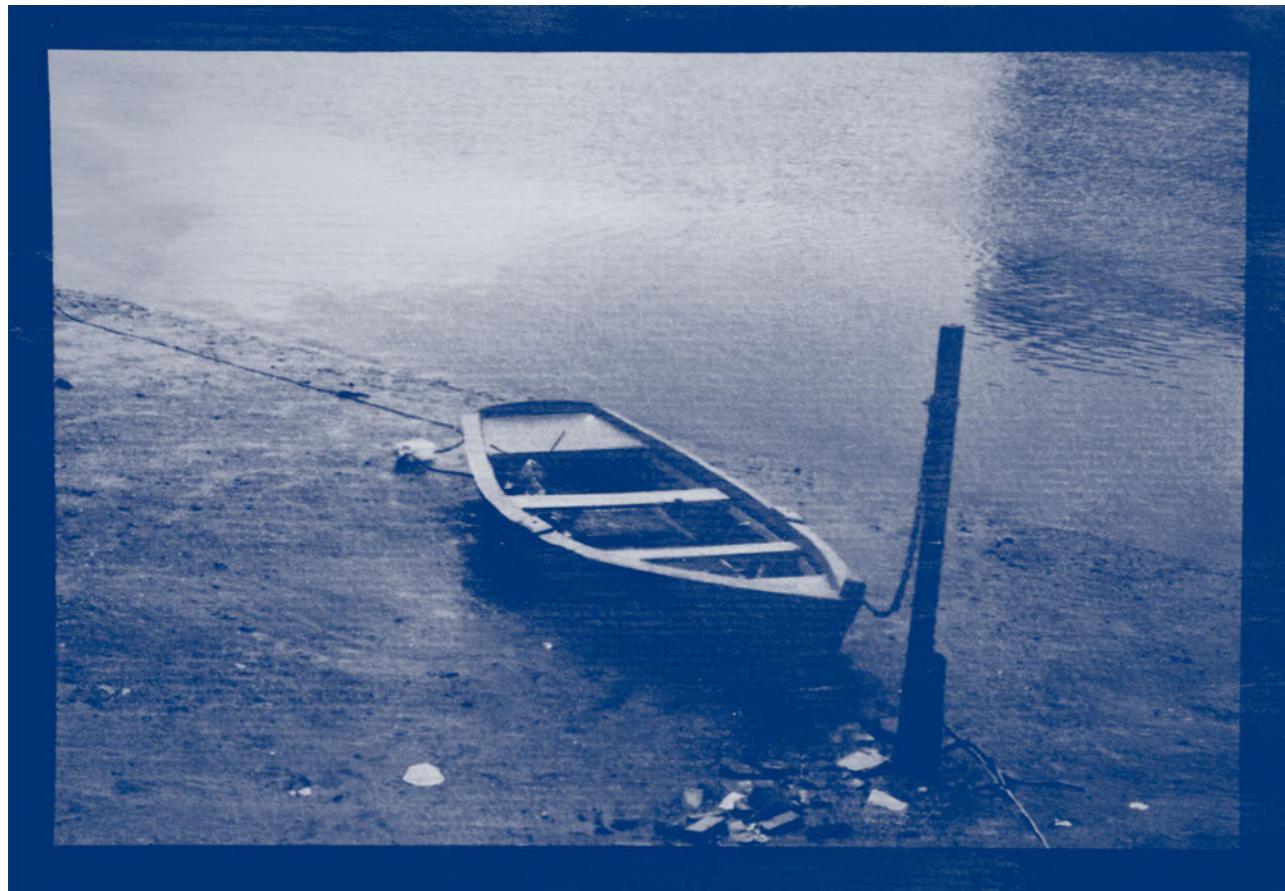
o rio carrega sua fecundidade pobre,

grávido de terra negra.

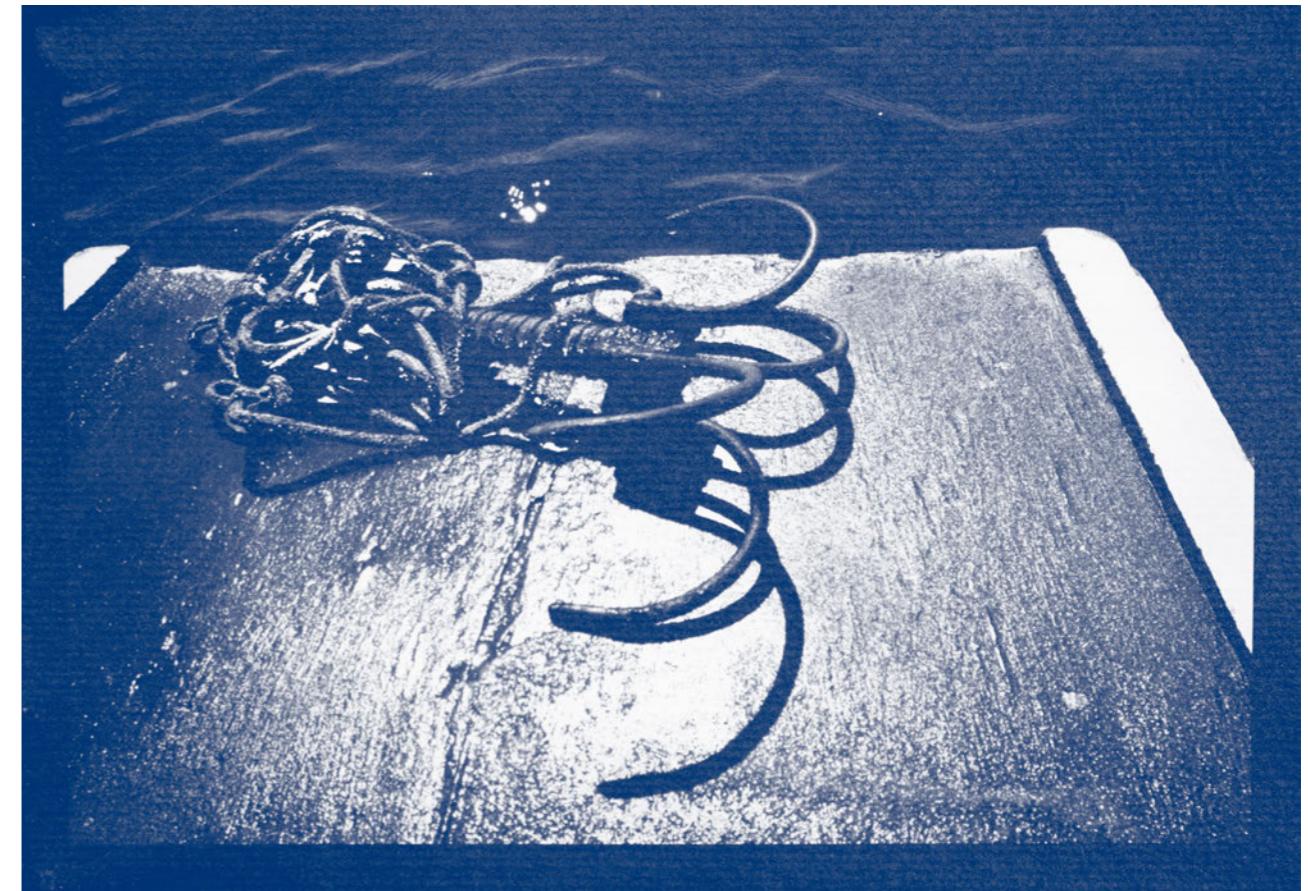


Como às vezes
passa com os cães,
parecia o rio estagnar-se.

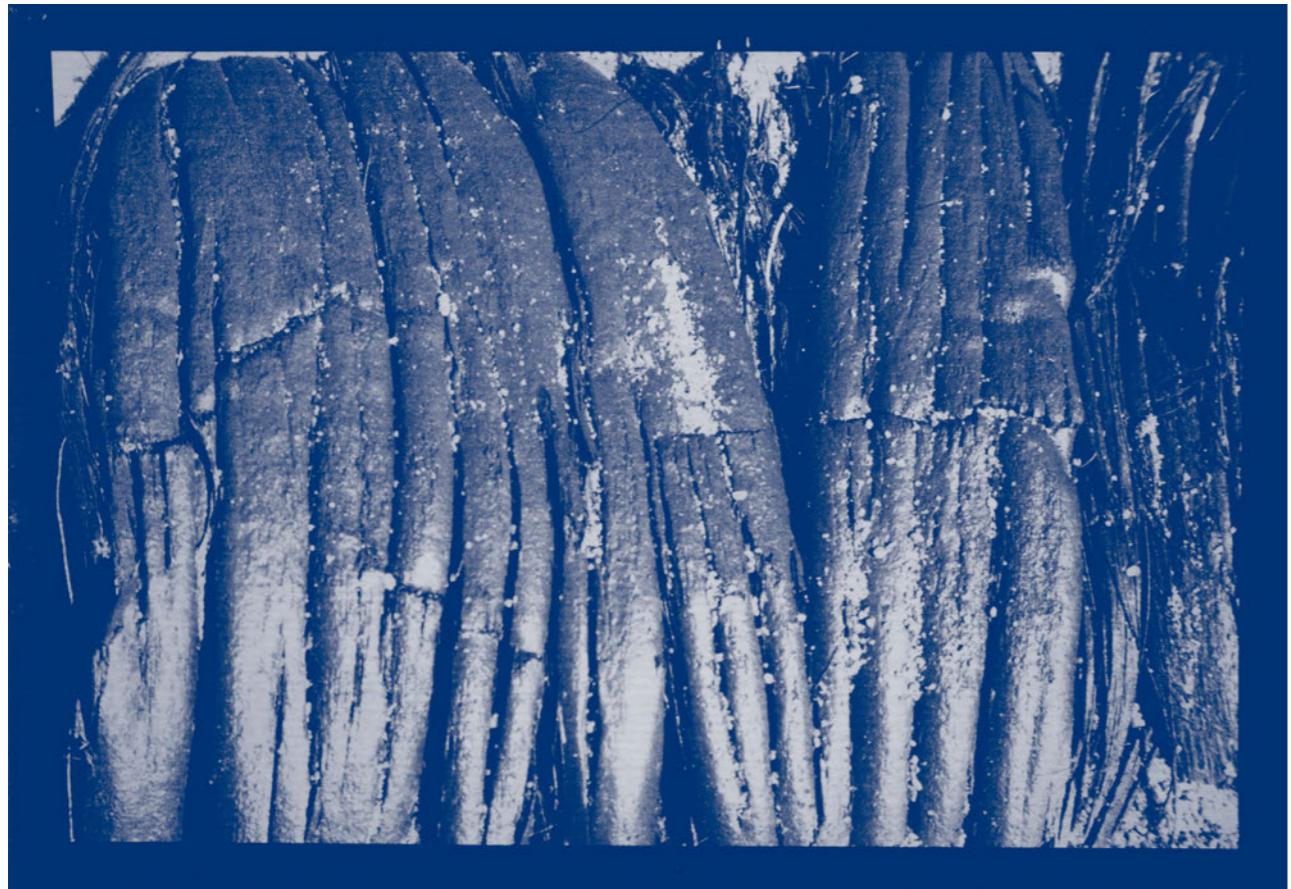
Suas águas fluíam então
mais densas e mornas;
fluíam com as ondas
densas e mornas
de uma cobra.



[...] por onde se veio



arrastando.



Mas ele conhecia melhor
os homens sem pluma.

Estes
secam

ainda mais além
de sua caliça extrema.



A cidade é fecundada
por aquela espada
que se derrama,

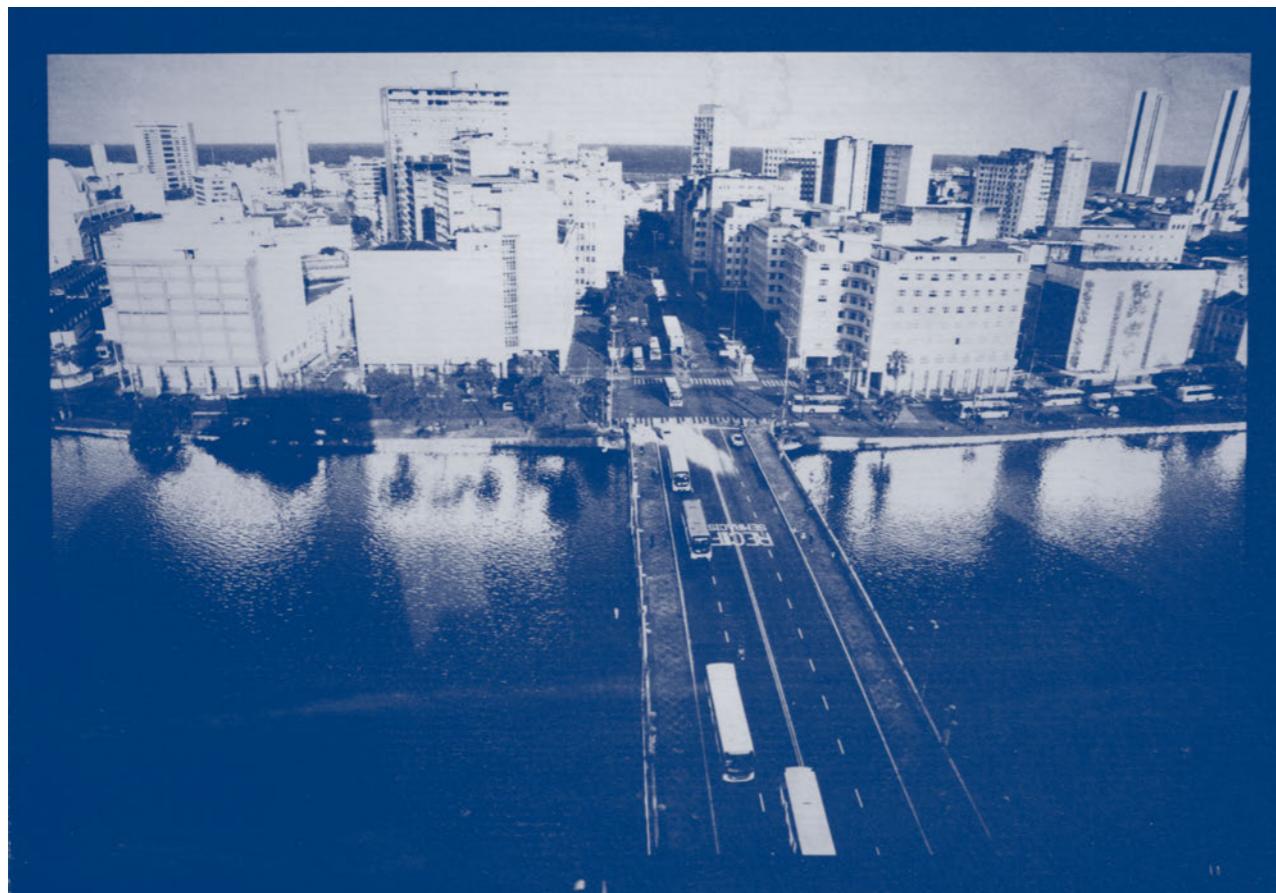


por aquela
úmida gengiva de espada.



O que vive é espesso
como um cão, um homem,
como aquele rio.

[...] Como é muito mais espesso
o sangue de um homem
do que o sonho de um homem.



Espesso,
porque é mais espessa
a vida que se luta

cada dia,
o dia que se adquire
cada dia

(como uma ave
que vai cada segundo
conquistando seu vôo).



O
CÃO
SEM PLUMAS

O CÃO SEM PLUMAS

João Cabral de Melo Neto

I. Paisagem do Capibaribe

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.

Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.
Sabia da lama

(1950)

como de uma mucosa.
Devia saber dos polvos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras.

Aquele rio
jamais se abre aos peixes,
ao brilho,
à inquietação de faca
que há nos peixes.
Jamais se abre em peixes.

Abre-se em flores
pobres e negras
como negros.
Abre-se numa flora
suja e mais mendiga
como são os mendigos negros.
Abre-se em mangues
de folhas duras e crespos
como um negro.

Liso como o ventre
de uma cadela fecunda,
o rio cresce
sem nunca explodir.

Tem, o rio,
um parto fluente e invertebrado
como o de uma cadela.

E jamais o vi ferver
(como ferve
o pão que fermenta).
Em silêncio,
o rio carrega sua fecundidade pobre,
grávido de terra negra.

Em silêncio se dá:
em capas de terra negra,
em botinas ou luvas de terra negra
para o pé ou a mão
que mergulha.

Como às vezes
passa com os cães,
parecia o rio estagnar-se.
Suas águas fluíam então
mais densas e mornas;
fluíam com as ondas
densas e mornas
de uma cobra.

Ele tinha algo, então,
da estagnação de um louco.
Algo da estagnação
do hospital, da penitenciária, dos asilos,
da vida suja e abafada
(de roupa suja e abafada)

por onde se veio arrastando.

Algo da estagnação
dos palácios cariados,
comidos
de mofo e erva-de-passarinho.
Algo da estagnação
das árvores obesas
pingando os mil açúcares
das salas de jantar pernambucanas,
por onde se veio arrastando.

(É nelas,
mas de costas para o rio,
que "as grandes famílias espirituais" da cidade
chocam os ovos gordos
de sua prosa.
Na paz redonda das cozinhas,
ei-las a revolver viciosamente
seus caldeirões
de preguiça viscosa).

Seria a água daquele rio
fruta de alguma árvore?
Por que parecia aquela
uma água madura?
Por que sobre ela, sempre,
como que iam pousar moscas?

Aquele rio
saltou alegre em alguma parte?
Foi canção ou fonte

Em alguma parte?
Por que então seus olhos
vinham pintados de azul
nos mapas?

II. Paisagem do Capibaribe

Entre a paisagem
o rio fluía
como uma espada de líquido espesso.
Como um cão
humilde e espesso.

Entre a paisagem
(fluía)
de homens plantados na lama;
de casas de lama
plantadas em ilhas
coaguladas na lama;
paisagem de anfíbios
de lama e lama.

Como o rio
aqueles homens
são como cães sem plumas
(um cão sem plumas
é mais
que um cão saqueado;
é mais
que um cão assassinado.

Um cão sem plumas
é quando uma árvore sem voz.

É quando de um pássaro
suas raízes no ar.
É quando a alguma coisa
roem tão fundo
até o que não tem).

O rio sabia
daqueles homens sem plumas.
Sabia
de suas barbas expostas,
de seu doloroso cabelo
de camarão e estopa.

Ele sabia também
dos grandes galpões da beira dos cais
(onde tudo
é uma imensa porta
sem portas)
escancarados
aos horizontes que cheiram a gasolina.

E sabia
da magra cidade de rolha,
onde homens ossudos,
onde pontes, sobrados ossudos
(vão todos
vestidos de brim)
secam
até sua mais funda caliça¹.

¹ Caliça: "Pó ou fragmentos de argamassa resse-quida" (Dicionário Aurélio).

Mas ele conhecia melhor
os homens sem pluma.
Estes
secam
ainda mais além
de sua caliça extrema;
ainda mais além
de sua palha;
mais além
da palha de seu chapéu;
mais além
até
da camisa que não têm;
muito mais além do nome
mesmo escrito na folha
do papel mais seco.

Porque é na água do rio
que eles se perdem
(lentamente
e sem dente).
Ali se perdem
(como uma agulha não se perde).
Ali se perdem
(como um relógio não se quebra).

Ali se perdem
como um espelho não se quebra.
Ali se perdem
como se perde a água derramada:
sem o dente seco
com que de repente

num homem se rompe
o fio de homem.

Na água do rio,
lentamente,
se vão perdendo
em lama; numa lama
que pouco a pouco
também não pode falar:
que pouco a pouco
ganha os gestos defuntos
da lama;
o sangue de goma,
o olho paralítico
da lama.

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem.

Difícil é saber
se aquele homem
já não está

mais aquém do homem;
mais aquém do homem
ao menos capaz de roer
os ossos do ofício;
capaz de sangrar
na praça;
capaz de gritar
se a moenda lhe mastiga o braço;
capaz
de ter a vida mastigada
e não apenas
dissolvida
(naquela água macia
que amolece seus ossos
como amoleceu as pedras).

III. Fábula do Capibaribe

A cidade é fecundada
por aquela espada
que se derrama,
por aquela
úmida gengiva de espada.

No extremo do rio
o mar se estendia,
como camisa ou lençol,
sobre seus esqueletos
de areia lavada.

(Como o rio era um cachorro,
o mar podia ser uma bandeira

azul e branca
desdobrada
no extremo do curso
— ou do mastro — do rio.

Uma bandeira
que tivesse dentes:
que o mar está sempre
com seus dentes e seu sabão
roendo suas praias.

Uma bandeira
que tivesse dentes:
como um poeta puro
polindo esqueletos,
como um roedor puro,
um polícia puro
elaborando esqueletos,
o mar,
com afã,
está sempre outra vez lavando
seu puro esqueleto de areia.

O mar e seu incenso,
o mar e seus ácidos,
o mar e a boca de seus ácidos,
o mar e seu estômago
que come e se come,
o mar e sua carne
vidrada, de estátua,
seu silêncio, alcançado

à custa de sempre dizer
a mesma coisa,
o mar e seu tão puro
professor de geometria).

O rio teme aquele mar
como um cachorro
teme uma porta entretanto aberta,
como um mendigo,
a igreja aparentemente aberta.

Primeiro,
o mar devolve o rio.
Fecha o mar ao rio
seus brancos lençóis.
O mar se fecha
a tudo o que no rio
são flores de terra,
imagem de cão ou mendigo.

Depois,
o mar invade o rio.
Quer
o mar
destruir no rio
suas flores de terra inchada,
tudo o que nessa terra
pode crescer e explodir,
como uma ilha,
uma fruta.

Mas antes de ir ao mar
o rio se detém

em mangues de água parada.
Junta-se o rio
a outros rios
numa laguna, em pântanos
onde, fria, a vida ferve.

Junta-se o rio
a outros rios.
Juntos,
todos os rios
preparam sua luta
de água parada,
sua luta
de fruta parada.

(Como o rio era um cachorro,
como o mar era uma bandeira,
aqueles mangues
são uma enorme fruta:

A mesma máquina
paciente e útil
de uma fruta;
a mesma força
invencível e anônima
de uma fruta
— trabalhando ainda seu açúcar
depois de cortada —.

Comogota agota
até o açúcar,
gota agota

até as coroas de terra;
como gota a gota
até uma nova planta,
gota a gota
até as ilhas súbitas
aflorando alegres).

IV. Discurso do Capibaribe

Aquele rio
está na memória
como um cão vivo
dentro de uma sala.
Como um cão vivo
dentro de um bolso.
Como um cão vivo
debaixo dos lençóis,
debaixo da camisa,
da pele.

Um cão, porque vive,
é agudo.
O que vive
não entorpece.
O que vive fere.
O homem,
porque vive,
choca com o que vive.
Viver
é ir entre o que vive.

O que vive
incomoda de vida

o silêncio, o sono, o corpo
que sonhou cortar-se
roupas de nuvens.
O que vive choca,
tem dentes, arestas, é espesso.
O que vive é espesso
como um cão, um homem,
como aquele rio.

Como todo o real
é espesso.
Aquele rio
é espesso e real.
Como uma maçã
é espessa.
Como um cachorro
é mais espesso do que uma maçã.
Como é mais espesso
o sangue do cachorro
do que o próprio cachorro.
Como é mais espesso
um homem
do que o sangue de um cachorro.
Como é muito mais espesso
o sangue de um homem
do que o sonho de um homem.

Espesso
como uma maçã é espessa.
Como uma maçã
é muito mais espessa
se um homem a come

do que se um homem avê.
Como é ainda mais espessa
se a fome a come.
Como é ainda muito mais espessa
se não a pode comer
a fome que avê.

Aquele rio
é espesso
como o real mais espesso.
Espesso
por sua paisagem espessa,
onde a fome
estende seus batalhões de secretas
e íntimas formigas.

E espesso
por sua fábula espessa;
pelo fluir
de suas geléias de terra;
ao parir
suas ilhas negras de terra.

Porque é muito mais espessa
a vida que se desdobra
em mais vida,
como uma fruta
é mais espessa
que sua flor;
como a árvore
é mais espessa
que sua semente;

como a flor
é mais espessa
que sua árvore,
etc. etc.

Espesso,
porque é mais espessa
a vida que se luta
cada dia,
o dia que se adquire
cada dia
(como uma ave
que vai cada segundo
conquistando seu vôo).



O PROCESSO

PESQUISA

O embrião deste trabalho está em 2018 ao assistir o espetáculo “Cão sem plumas” da Companhia de Dança Deborah Colker, em que o poema, já lido, aflorou novamente. Em 2021, na disciplina optativa da FAUUSP, “A Função Poética da Linguagem da Arquitetura e do Design e a Cultura Brasileira”, realizei também um trabalho de tradução intersemiótica com o poema.

João Cabral de Melo Neto, poeta pernambucano de extremo rigor formal, escreve “O cão sem plumas”, em 1950. O elemento principal do poema, pode-se dizer, que é o rio Capibaribe, em Recife; este e a alegoria “cão sem plumas” foram os objetos do trabalho. O texto percorre o rio Capibaribe, até a sua foz, mostrando todos os aspectos do Recife da metade do século XX - sua fauna e flora, a pobreza da população e da cidade, as elites que dão as costas ao rio, entre outros.

O Trabalho Final de Graduação é a tradução intersemiótica do poema para a linguagem visual. Diante da forma estilística, estética e semântica do texto, surge o problema da tradução desses elementos em imagens que devem estabelecer uma linguagem própria e uma narrativa visual aliada a trechos selecionados. A definição de um tipo de linguagem como fio condutor do trabalho foi a pesquisa que gerou o resultado final.

Para isso, a metodologia utilizada foi a leitura atenta do poema, apreendendo as imagens suscitadas, e a posterior produção de peças visuais em diversas técnicas. Desenhos, fotografias, carimbos e recortes em suportes diferentes foram necessários para descobrir a potência de cada um e, assim, eleger como se dará a tradução. A experimentação é intrínseca a esse projeto.

A técnica utilizada foi a cianotipia, ou cianótipo. É um processo de impressão fotográfica em tons azuis, descoberto em 1842 pela botânicista e fotógrafa Anna Atkins e pelo cientista e astrônomo Sir John Herschel. Durante os séculos XIX e XX, permitiu a reprodução de fotografias, cópia de desenhos e projetos, estes conhecidos como *blueprints*, a baixo custo.

Inicialmente, produzi cianotipias com objetos, como se todo o azul fosse o rio e a silhueta do objeto um afloramento do que está no rio. Viajei para Recife e a produção de fotografias suscitou o uso da cianotipia. A opção das fotografias impressas com tal técnica, foi imediata. Seu caráter etéreo confunde foto com indefinição e névoa, sem as cores reais, levam o observador a ter suas próprias interpretações junto ao poema. Os suportes utilizados foram papel e tecido algodão cru.

CIANOTIPIA

As cianotipias foram produzidas com papel aquarela 300g/m².

Meu processo consistiu em:

- misturar as soluções dos reagentes em parte iguais; A (citrato férrico amoniacial) e B (ferrocianeto de potássio);
- passar uma camada fina da solução no suporte. Pincel de esponja;
- deixar secar em local escuro;
- posicionar negativo de fotografia sobre o papel contra um vidro preso com presilhas.
- expor à luz u.v. (sol ou máquina de luz);
- lavagem do papel na água até o químico sair;
- deixar secar.

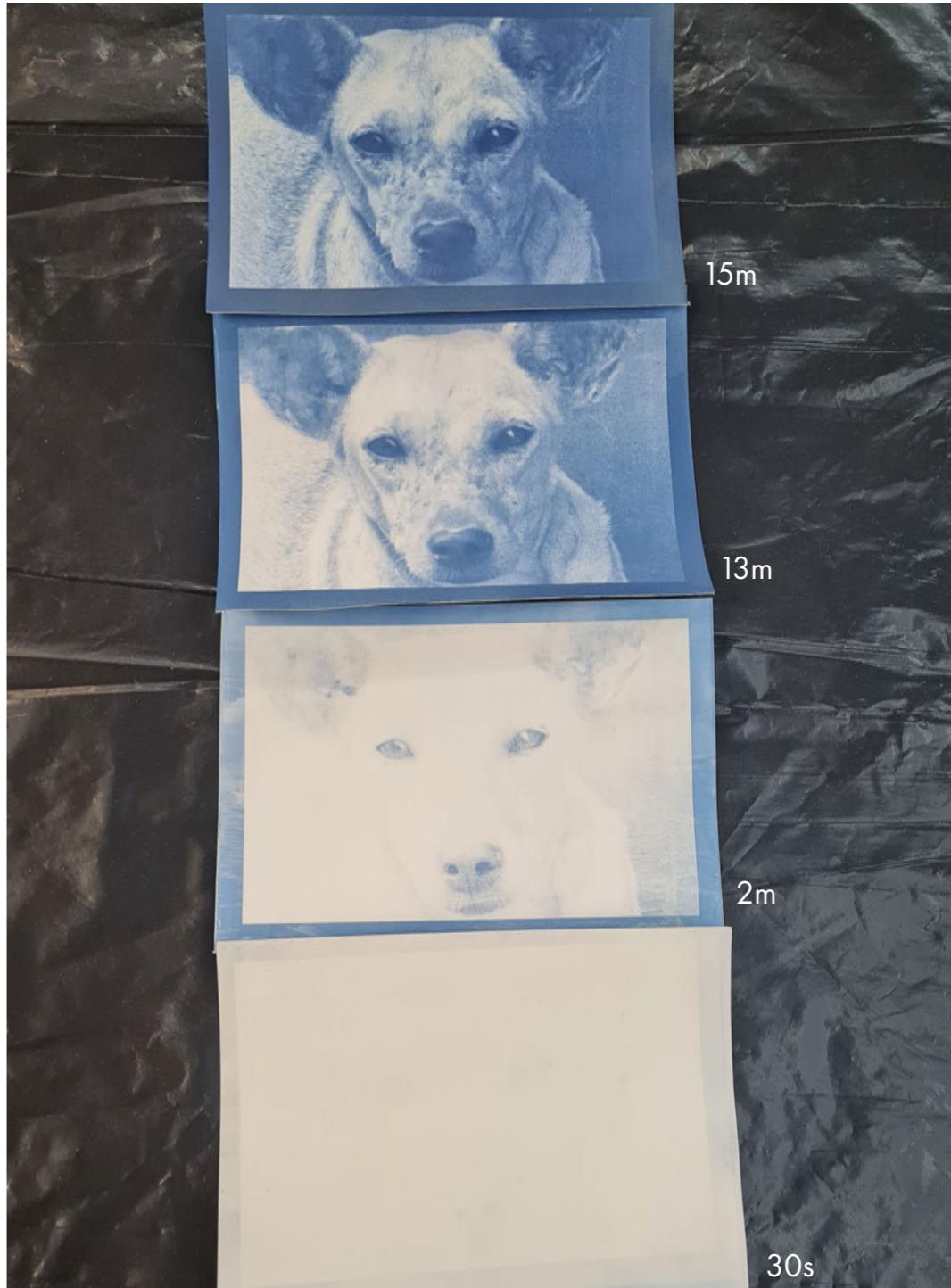
As cianotipias foram expostas ao sol por 10 minutos e por 13 minutos na máquina de luz u.v. Vários testes foram realizados para calibrar a cor e definição das impressões.



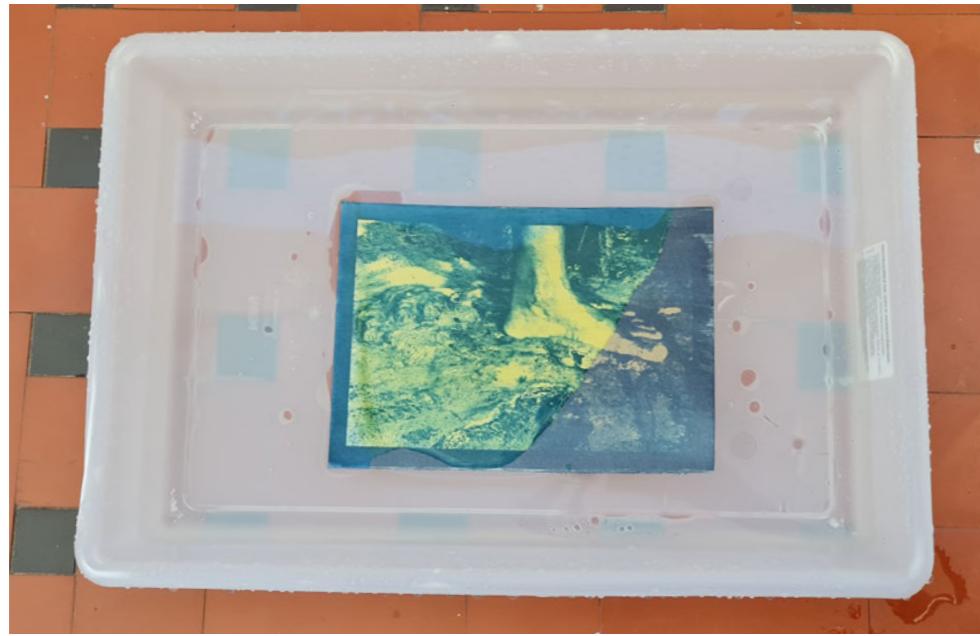
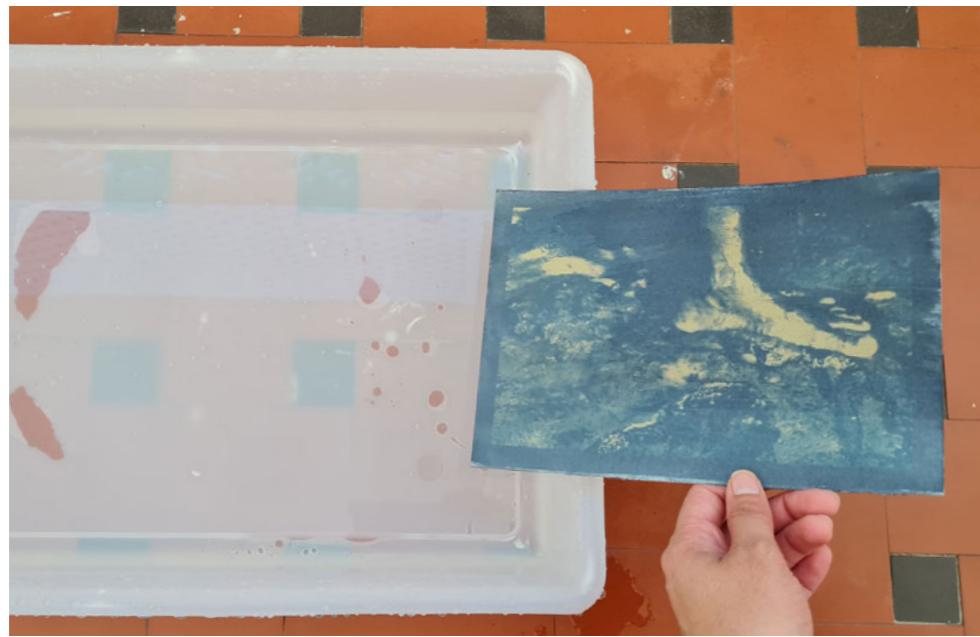
papel aquarela
300g/m²
A5

negativo sobre o papel
emulsionado

resultado final,
após lavar e secar

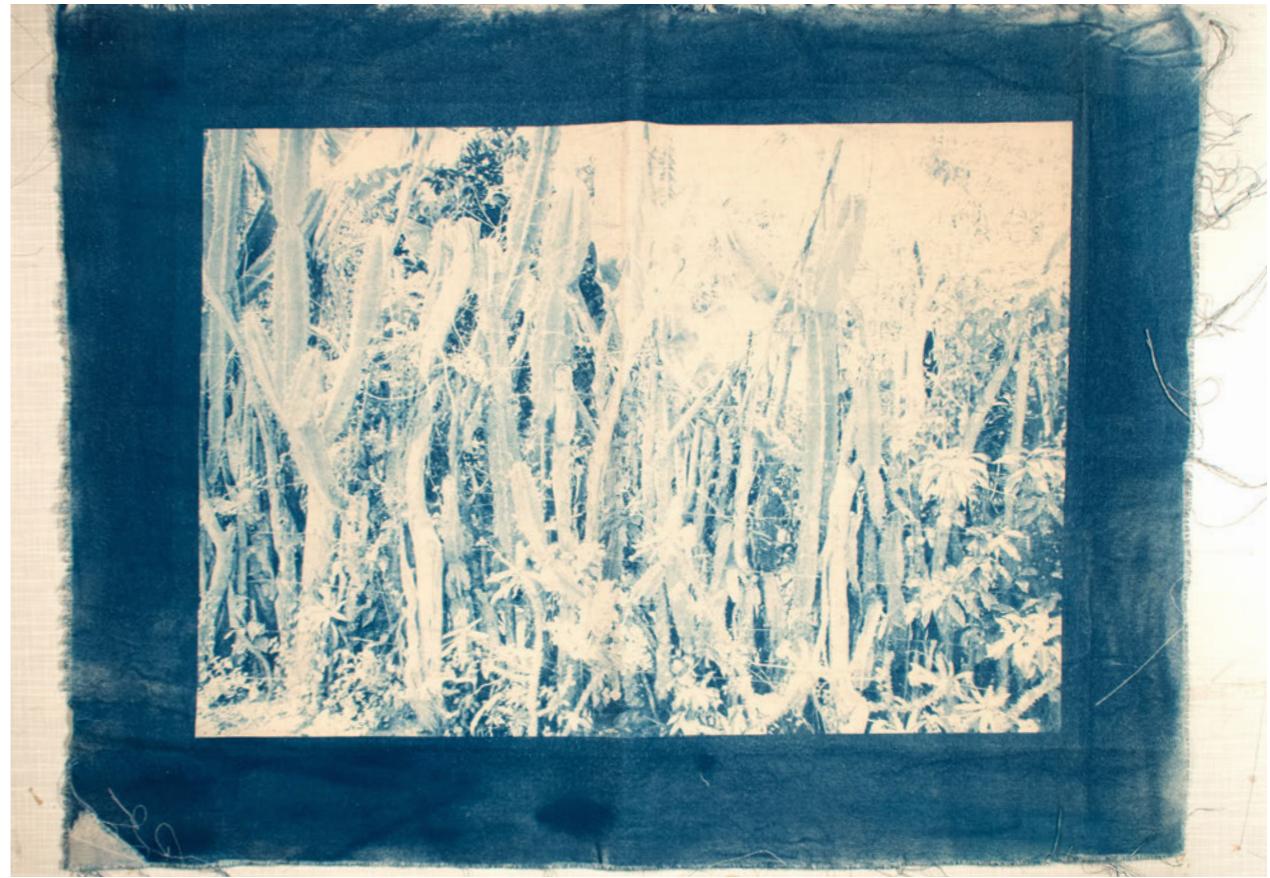


Testes
máquina u.v.



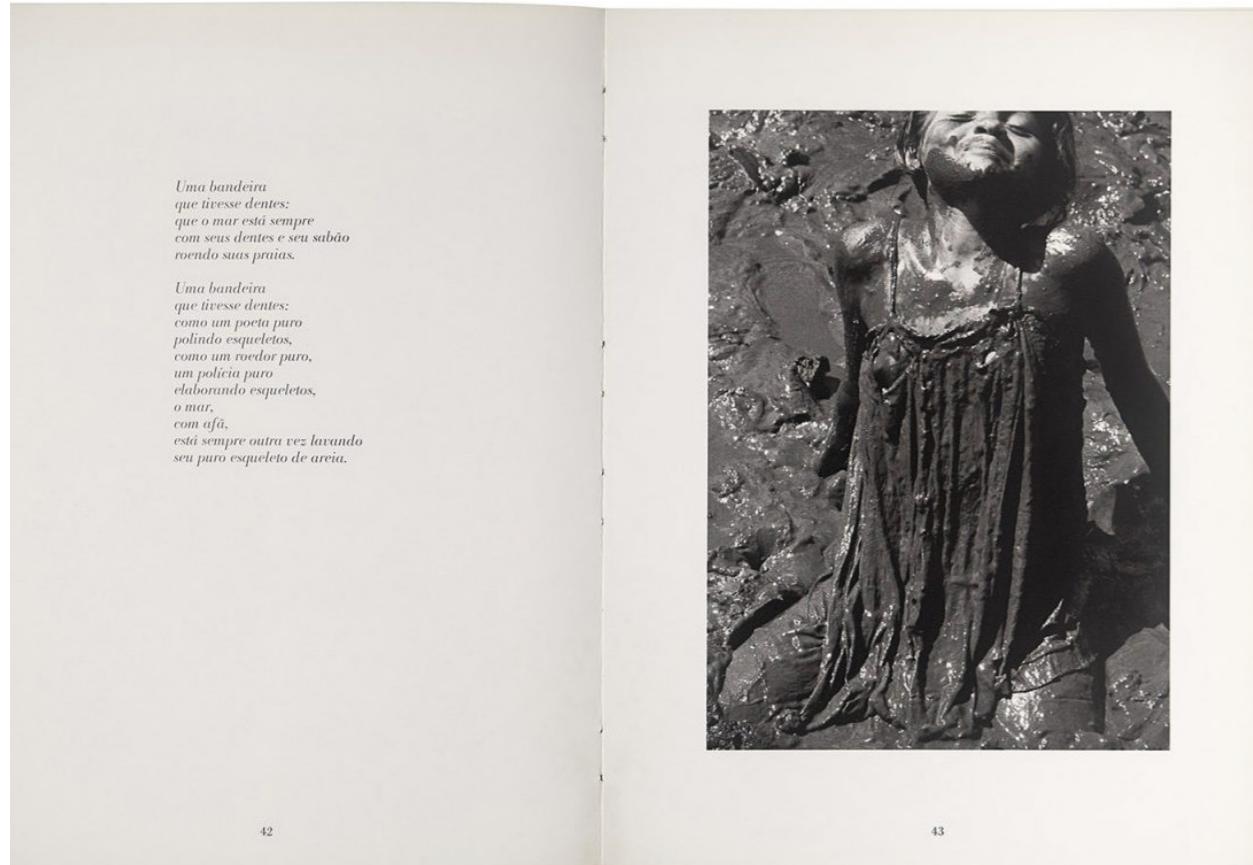


negativo



tecido, resultado final

REFERÊNCIAS VISUAIS



Maureen Bisilliat; João Cabral de Melo Neto. *O cão sem plumas*



Cão Sem Plumass. Companhia de Dança Deborah Colker

AGRADECIMENTOS

À toda minha família. Pelo apoio, carinho e amor de sempre da minha mãe e do meu pai. Que me proporcionaram muito e muito quero retribuir.

A todos os meus queridos amigos. Aos 8 que trilharam essa jornada pela Fau e pela vida. Talitha, Marco, Pink, Lau, Nat, Bia, Naju e Gabi. Pelas risadas, ajuda, afeto e pelo cheiro do sopro reconfortante. À Matheus, amigo de amigos que também virou o meu, com quem tive as conversas mais engraçadas. À João, meu eterno companheiro, agradeço pelo apoio em todas às circunstâncias, na Fau e na vida; às vivências incríveis, aos aprendizados e por me apresentar o amor.

Ao Cinusp que me formou e me acolheu onde não havia mais nada. À alegria e parceria dos amigos que lá fiz.

Ao meu querido orientador, Luis, por me guiar tranquilamente nesse processo, acreditar em mim, me deixar ser quem eu sou e por compartilhar essa maravilhosa poesia.

À Milene. Por toda a atenção e afeto comigo. Muito conquistei e agora estou completa por causa de sua ajuda.

Ao Lpg e Vídeo Fau por tornar real o meu trabalho.

À Sidcley Gomes e Ezequiel que me apresentaram o Capibaribe e me guiaram nessa viagem pelo Recife, pelo mangue e pelo sertão.

A Chico Science, que me alimentou e com meu bucho cheio pude organizar e desorganizar esse trabalho, no caos da lama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISILLAT, Maureen; NETO, João Cabral de Melo. *O cão sem plumas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

COLKER, Deborah. *Cão Sem Plumás*. Companhia de Dança Deborah Colker. Teatro Alfa, 2018.

NETO, João Cabral de Melo. *Poesia completa*. São Paulo: Alfa, 2020.

NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

